

Por detrás de tantos nomes, o mar. Moçambique e o Oceano Índico: discursos, imaginários e representações

Behind all these names, the sea. Mozambique and Indian Ocean: speeches, imaginary and representations

ELENA BRUCIONI *

Resumo: A imagem de Moçambique como “Pérola do Índico” remonta, pelo menos, ao período colonial, representando, ainda hoje, uma das iconografias nacionais mais utilizadas em diferentes contextos e discursos públicos (Brito, 2010). No entanto, o significado e o agenciamento desta imagem apontam para um conjunto de questões e ambiguidades que oferecem pontos de partida para (re)pensar a relação entre Moçambique e o Oceano Índico no que concerne às práticas de representação, os discursos identitários e os imaginários culturais, configurando o Índico como uma “geografia transnacional do imaginário” (Ghosh & Mucke, 2007) e logo um “paradigma crítico alternativo” (Hofmeyr, 2007) para ler e situar as narrativas escritas e visuais da contemporaneidade em Moçambique.

Palavras-chaves: Pérola do Índico, Moçambique, Oceano Índico, narrativas escritas e visuais.

Abstract: The image of Mozambique as “The Pearl of the Indian Ocean” has its origin in the colonial era and represents, still today, one of the most common national iconographies to define the country within the official — both political and cultural — discourse (Brito, 2010). However, the very meaning and the “agency” of this image seems to imply several questions and ambiguities, offering a starting point in order to (re)think the relationship between Mozambique and the Indian Ocean. Therefore, its meaning within cultural representations, discourses and imaginary defines the Indian Ocean as a “transnational imaginative geography” (Ghosh & Mucke, 2007) and therefore an “alternative critical paradigm” (Hofmeyr, 2007) to read and situate visual and written narratives of contemporary Mozambique.

Keywords: Pearl of the Indian Ocean, Mozambique, Indian Ocean, visual and written narratives.

* Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal

1. *Moçambique, Pérola do Índico: discursos coloniais, imaginários nacionais*

A imagem “Moçambique, pérola do Índico” remonta, pelo menos, ao período colonial representando, ainda hoje, uma das *expressões iconográficas* mais utilizadas em diferentes contextos, situações e discursos públicos (Brito, 2010). Ao mesmo tempo, o significado, ou melhor, o *agenciamento* desta imagem aponta para um conjunto de questões e ambiguidades que se configuram como pontos de partida para uma reflexão em torno da relação entre Moçambique e o Oceano Índico numa perspetivação crítica e conceptual que problematiza a relação entre imaginários culturais e contextos nacionais, discursos identitários, narrativas e representações.

Já em uso durante a era colonial, na expressão de “Moçambique, a Pérola do Continente Africano” e com referência à Ilha de Moçambique – “Ilha de Moçambique.... Futura Pérola do Oceano Índico” (Correia, 1953) –, a imagem sobreviveu à independência e, ainda hoje, representa uma iconografia frequentemente utilizada para definir o país, em diferentes situações, contextos e discursos, dentro do chamado espaço público (Brito, 2010). Tal como aponta Luís de Brito (2010) na sua análise dos discursos do ex-presidente Armando Guebuza, a expressão “Pérola do Índico” sobressai como uma das iconografias mais frequentemente utilizadas em discursos oficiais e situações públicas com referência ao contexto nacional. Interessa aqui notar, ainda de acordo com o que afirma Luís de Brito, como as outras expressões em uso são, por exemplo: “Pátria Amada”, “Povo Moçambicano” e “Nosso Povo” (2010), apontando para um imaginário ideológico específico que remete para a linguagem que configura o discurso político da FRELIMO durante a luta de libertação, bem como no pós-independência. No entanto, a expressão “Pérola do Índico” constitui uma iconografia que não se situa no campo semântico do discurso político e público frelimista, apontando para a dimensão cultural, simbólica e geográfica do Oceano Índico. Ao mesmo tempo, o agenciamento desta imagem parece apontar para um conjunto de questões e ambiguidades sugeridas, em primeiro lugar, pela origem desta expressão e, secundariamente, pela definição do espaço marítimo – o mar ou o oceano – como um elemento estratégico e *sui generis* em vista de uma definição situada e emblemática do território moçambicano. É, com efeito, o Oceano Índico o elemento que confere especificidade à imagem da *pérola*, cuja utilização, no discurso colonial europeu sobre África, é caracterizada por uma longa e diversificada tra-

dição – não apenas referida ao contexto moçambicano –, configurando-se como um lugar-comum estabelecido no discurso colonial europeu sobre o continente africano. A sua invenção deve-se provavelmente aos chamados exploradores europeus no Reino de Buganda, como afirma Norman Harris no texto de 1914, *Intervention and Colonization in Africa*:

O Uganda foi visitado em 1858 pelo Capitão [John Hanning] Speke e por [Richard] Burton, e ainda em 1875 por Morton Stanley. Todos eles ficaram entusiasmados com a fertilidade das terras e com a inteligência das pessoas. Se referiam ao Uganda como “a pérola de África”. ” (Harris, 1914: 90; tradução minha)²

Para além disso, no seu livro *My African Journey* (1908), Winston Spencer Churchill, após uma “fascinada” – isto é, exótica – descrição do Reino de Buganda conclui que “o Uganda é a Pérola”, tornando-se o inventor oficial de uma expressão que, na realidade, encontrava-se amplamente utilizada para definir as “excelentes condições” das terras e dos seus habitantes no protetorado britânico na África Oriental. Também no que diz respeito à dominação colonial francesa em África, a expressão torna-se célebre nos discursos oficiais do general Charles de Gaulle que, para se referir à colónia francesa da Côte d’Ivoire, utiliza habitualmente a expressão “La Perle d’Afrique”. No caso do Império Português, para além de Moçambique a expressão é utilizada para designar São Tomé e Príncipe, habitualmente definido como “Pérola do Equador”³. Em suma, a imagem da *pérola* associada ao continente africano representa uma iconografia colonial estabelecida, cujo objectivo é, em primeiro lugar, o de construir um imaginário emblemático relativamente às prósperas condições de diferentes regiões africanas que, mais tarde, virão a ser transformadas naquilo que segundo o discurso colonial europeu corresponde à noção de *colónia-modelo*.

A mesma ideia parece ser a que caracteriza a utilização da definição de Mo-

² Citação original: “Uganda had been visited as early as 1858 by Captain [John Hanning] Speke and [Richard] Burton, and again in 1875 by Morton Stanley, all of whom were enthusiastic over the fertility of its soil and the intelligence of its people. They referred to it as the ‘pearl of Africa’” (Harris, 1914: 90).

³ A utilização desta expressão já em finais do século dezanove sugere que também no caso do discurso colonial português a imagem da pérola com referências às colónias africanas remonte a este período. Relativamente à expressão *Pérola do Equador* para São Tomé e Príncipe, agradeço à Jessica Falconi pela sugestão.

çambique como a “*Pérola do Continente Africano*”, tal como se lê no artigo de Matos Tadeu, publicado em 1953, no periódico colonial *Portugal d’Aquém e d’Além Mar*. Na época, a expressão surge para *celebrar* as grandes potencialidades produtivas da colônia portuguesa na África Oriental, demonstradas, de acordo com o artigo de Matos Tadeu, pela disputa de Moçambique entre Portugal e outros impérios europeus – especialmente o Império Britânico – e providenciando, deste modo, uma detalhada descrição das potencialidades económicas que caracterizam a “Província progressiva de Moçambique” e o seu extraordinário potencial produtivo. Ao mesmo tempo, a expressão “Pérola do Índico” encontra-se também num outro artigo publicado no mesmo jornal por Joaquim Augusto Correia cujo título é “Ilha de Moçambique... Futura Pérola do Índico” (Correia, 1953; Brito, 2010), por meio do qual o autor denuncia um certo degrado que caracteriza a cidade de Ilha que, por outro lado, é destacada como um património inestimável, devendo merecer uma atenção e um investimento mais significativos por parte do Império Português.

Em ambos os casos, e apesar do se tratar de artigos de diferentes pendores, importa sublinhar a centralidade da imagem da “pérola” no discurso colonial português sobre Moçambique, apontando para um imaginário onde o Oceano Índico representa o elemento central em vista da especificidade que se pretende atribuir à província portuguesa na África Oriental. Sobressai, deste modo, como uma iconografia política e cultural cuja persistência entre espaço-tempo colonial e pós-colonialidade proporciona um conjunto de problemáticas significativo para uma reflexão situada em torno da relação entre narrativas, imaginários, representações, nação (literária e cultural) e transnacionalidade.

2. Matrizes e metonímias da nação literária: Ilha de Moçambique e o Oceano Índico

Situada na parte norte do país e ligada ao continente através de uma estreita ponte, Ilha de Moçambique representa um lugar simbólico e paradigmático, tanto para a *grande narrativa dos descobrimentos*, bem como para o imaginário cultural pós-independência.

Do ponto de vista da *grande narrativa* do Império Português, e como é sobejamente conhecido, Ilha de Moçambique é o lugar onde Vasco da Gama chegou

com sua frota em 1498, e onde o poeta Luís Vaz de Camões chegará durante o seu regresso da Índia. Neste sentido, merece salientar que de um ponto de vista da geopolítica imperial, Ilha de Moçambique corresponde ao anteposto Africano do Estado da Índia e, portanto, a sede administrativa do estabelecimento imperial Português na África Oriental. Em 1753 a Coroa Portuguesa estabelece que Ilha de Moçambique será a capital até 1898, dando o nome a toda a província.

No que diz respeito ao chamado imaginário nacional pós-independência, Ilha de Moçambique aponta para uma relação metonímica com o paradigma nacional ou, como sugere Alexandre Lobato, “um símbolo vivo” (1989) significando e projetando um imaginário singular no que diz respeito à diversidade que pauta o mosaico cultural e identitário do território moçambicano. É sobretudo o “espantoso Índico” (Lobato, 1989), que molda e define histórica, social e culturalmente a peculiaridade deste “fragmento da nação” (Chatterjee, 1993), sugerindo um conjunto de problemáticas e itinerários críticos de indubitável interesse para repensar o que vem sendo definido como paradigma identitário nacional.

Observando, por exemplo, a poesia moçambicana, tanto durante o período colonial bem como no pós-independência, Ilha de Moçambique representa um lugar paradigmático, ou como Jessica Falconi sublinha “a metonímia da nação” (2008), de onde surge um discurso identitário alternativo e, simultaneamente, fracturante, que parece apontar para uma possível *utopia alternativa da moçambicanidade*, cujas fronteiras vão para além do chamado espaço telúrico e onde o Oceano Índico representa um marco fundamental para (re)pensar e (re)definir os discursos identitários sobre e para além da nação em Moçambique. Neste sentido, tal como afirma Rita Chaves na sua reflexão sobre Ilha de Moçambique, a partir de três figuras cruciais da poesia moçambicana, Rui Knopfli, Luís Carlos Patraquim e Eduardo White:

Como metonímia de uma história maior, a de cada um com essa realidade geográfica, histórica, política e cultural que Moçambique vai configurando, a Ilha será representada como um mosaico incompleto, no qual as peças se perderam e/ou foram inadequadamente colocadas. O desenho, portanto, revela-se confuso e o exercício da palavra é um meio de revolver o terreno e extrair o significado dos fragmentos ora depositados diante de cada olhar. (...) o apego ao espaço não se confunde com a idealização e o que salta são os sinais de uma relação que, sendo de amor, não pacifica espíritos e não esconde frustrações. (...) a ilha organiza-se

como a metáfora de uma identidade em desassossego, num processo que mistura recusa e perseguição, muito distante de encontrar no terreno da subjetividade a serenidade que as monções ofereciam à difícil arte de navegar. (Chaves, 2002, *on line*)

A este propósito, a dimensão do desassossego, “não pacificadora” (Chaves, 2002, *on line*), torna-se particularmente significativa em vista de uma reflexão em torno dos discursos culturais e identitários que se prendem com uma ideia de nacionalidade homogénea e hegemónica, inscrevendo no paradigma nacional e identitário uma dimensão diferencial e contra-hegemónica crucial para repensar o constructo nacional na sua articulação cultural. Neste sentido, o Oceano Índico na perspectiva de uma “arena inter-regional”, de acordo com a reflexão proposta por Sugata Bose (2006), torna-se um aparato conceptual particularmente útil para salientar a dimensão fragmentária e, simultaneamente, conflitual – o mar como arena – que sobressai como uma característica crucial deste espaço-tempo simbólico, político e cultural.

De um ponto de vista epistemológico e conceptual, complexificando a dimensão relacional que caracteriza a abordagem proposta pelos chamados *area studies*, o Oceano Índico configura-se não apenas como um “sistema mundo”, mas sim como uma dimensão espaço / temporal capaz de conjugar, como afirma Sugata Bose, “a generalidade do sistema mundo” com “as especificidades da dimensão regional” (Bose, 2006) a entender-se não apenas como um “constructo espacial unitário”, mas sim como uma “rede de relações dinâmicas e estruturadas” (Chaundhury, 1990) cuja articulação numa dimensão espaço / temporal específica permite salientar ligações, contactos e dissonâncias entre “mundos” distintos e, todavia, contíguos. A articulação entre entidade *regional* e *sistema-mundo* que a definição do Oceano Índico como uma “arena” (Bose, 2006) pretende, de certa forma, complexificar, fundamenta-se na necessidade de problematizar constructos espaciais que parecem, todavia, fundamentar-se no que vem sendo definido como *colonialidade do saber* (Mudimbe, 1998; Quijano, 2002), apontando simultaneamente para a necessidade de olhar para o espaço do Índico não tanto a partir da sua homogeneidade mas pela sua dimensão inevitavelmente compósita e diferencial (Fawaz & Bayly, 2002):

As entidades regionais conhecidas hoje em dia como Médio Oriente, Ásia do Sul ou Sudoeste Asiático, que sustentam a definição dos *area studies* nas academias ocidentais, são constructos relativamente recentes que projectam, arbitrariamente, na pos-colonialidade uma certa ligação com o poder colonial. O mundo do Oceano Índico, e nesta mesma perspectiva o do Mediterrâneo, possui um significado económico e cultural muito mais profundo. Mantidos unidos por redes de relações económicas e culturais, estas arenas [o Mediterrâneo e o Índico] possuem fronteiras externas e internas flexíveis (...) que até ao momento só foram teorizadas, descritas e analisadas apenas no que diz respeito ao período pré-moderno. [Estas arenas] não formaram ainda as teias sobre as quais os académicos escreveram as histórias da era moderna (Bose, 2006: 6-7; tradução minha)⁴.

Obedecendo a uma lógica similar, Ilha de Moçambique torna-se um lugar – físico e conceitual – matricial para (re)pensar – isto é, problematizar – os discursos culturais e as representações que se situam no espaço-tempo de Moçambique antes e depois da independência, apontando para representações, ambiguidades e contradições que pautam a chamada *moçambicanidade literária e cultural*, evidenciando, deste modo, uma ambivalência simbólica, cultural e política que se torna emblemática para interrogar o presente e o passado, não apenas numa perspetiva nacional, mas também relativamente a uma dimensão regional e / ou transnacional específica. Neste sentido, merece salientar, tal como afirma Jessica Falconi:

Por um lado, a Ilha como “lupanar da história” (Sopa & Saúte, 1992: 53), sítio infernal de escravatura, e de submissão às diferentes dominações que por ali passaram; por outro lado, nas antípodas, a imagem de um lugar exemplar de

⁴ Citação original: “Regional entities known today as the Middle East, South Asia and Southeast Asia which underpin the rubric of Area Studies in the Western academy, are relatively recent constructions that arbitrarily project certain legacies of colonial power onto the domain of knowledge in the post-colonial era. The world of the Indian Ocean, or for that matter, that of the Mediterranean, has a much greater depth of economic and cultural meaning. Tied together by webs of economic and cultural relationships, such arenas nevertheless had flexible internal and external boundaries. These arenas, where port cities formed the nodal points of exchange and interaction, have been so far mostly theorized, described, and analyzed only for the premodern and early modern periods. They have not generally formed the canvas on which scholars have written histories of modern era”. (Bose, 2006: 6-7)

convivência pacífica entre povos e culturas, emblemático daquele “mundo que o português criou” teorizado por Gilberto Freyre (...) Tais representações fazem da memória da Ilha uma herança problemática, determinando o papel controverso que este lugar ocupa no imaginário nacional moçambicano (Chaves, 2002) ainda na contemporaneidade. É, pois, com estas imagens da Ilha, que as representações poéticas entram ora em aberta ruptura, ora em processos de negociação. (Falconi, 2013: 80)

Ilha de Moçambique – e por via de uma relação metonímica o próprio Oceano Índico – torna-se então o lugar *geográfico, poético, político e visual* a partir do qual é possível interrogar a relação entre a terra – Moçambique – e o mar – o Índico –, não à procura de narrativas e representações pautadas por um cariz problematicamente celebratório, mas sim observando as inquietações e as interrogações que este “espaço e os seus fragmentos” (Chaves, 2002, *on line*) proporcionam para (re)pensar uma nacionalidade literária e cultural ou, melhor, uma ideia de *moçambicanidade* e os seus inevitáveis legados transnacionais.

3. Geografias transnacionais do imaginário: narrativas escritas e visuais do Oceano Índico

A presença de Ilha de Moçambique e o Oceano Índico na poesia moçambicana, embora não correspondendo a uma temática constante numa perspetiva diacrónica,⁵ de acordo com o que observa Francisco Noa, configura-se como uma reivindicação significativa dentro da *nova geração* de poetas moçambicanos. Seguindo o caminho de Virgílio de Lemos, Rui Knopfli, Luís Carlos Patraquim, Eduardo White, entre outros, as *novas* vozes poéticas reivindicam o Índico como “tema e motivo” (Noa, 2012; 2014) de um discurso identitário alternativo e dispersivo, pautado por um conjunto de temáticas como, por exemplo, o da viagem e do mar. A este propósito, salienta Francisco Noa:

⁵ A este propósito, vejam-se os trabalhos de: Francisco Noa (2012; 2014), Rita Chaves (2002), Fátima Mendonça (2011), Ana Mafalda Leite (2003), Carmen Tindó Secco (2006), Maria-Benedita Basto (2006), Jessica Falconi (2008; 2013).

(...) a trajetória da poesia moçambicana, desde as origens até aos nossos dias, mesmo não se colocando necessariamente como uma temática dominante, mas com um peso e valor inquestionável, revela-nos que o mar, mais concretamente o Oceano Índico, não é, nem nunca foi, um espaço vazio, mas um lugar de profundos, intermináveis e consequentes compromissos e dinâmicas de natureza humana, social, cultural, política e económica.

Mas sobretudo um lugar onde a imaginação poética não apenas recria dimensões até aí insuspeitas, como também se manifesta como um poderoso exercício de liberdade estética, de afirmação da subjectividade e de consciência histórica.

Na relação de espelho que se estabelece entre o mar e a própria escrita o que sobreleva são os mundos que tanto um como outra nos podem propiciar. Mais, de como se transita de um para outro outro, numa incessante demonstração de como tanto a escrita como o Oceano Índico são plataformas de transgressão, de evasão, de negação de limites territoriais ou outros e, também, de reconstituição e de reinvenção da existência e dos destinos sejam eles privados ou colectivos. (Noa, 2012: 14)

Ilha(s) e insularidade, cosmopolitismo, viagem(ns), mar e espaço líquido tornam-se, deste modo, constelações conceptuais e temáticas centrais para observar as representações que pautam algumas representações da contemporaneidade moçambicana, oferecendo contrapontos significativos para repensar identidade, cultura e nação numa perspectiva que convoca de imediato aquilo que Devleena Ghosh e Stephen Muecke definem como “geografias transnacionais do imaginário” (2007).

Relativamente à poesia moçambicana contemporânea são as obras de Júlio Carrilho, Eduardo White, Guita Jr., Sangare Okapi, Adelino Timóteo e Nelson Saúte⁶ que – numa linha de continuidade temática já demarcada pelas obras de Rui Knopfli, Virgílio de Lemos e Luís Carlos Patraquim – posicionam as suas intervenções estéticas numa dimensão espacial e simbólica onde mar e viagem desempenham um papel central, apontando para um imaginário que encara o

⁶ Cf. Júlio Carrilho, *NónuMar*. Maputo: Ndjira, 2001; Eduardo White. *Janela para Oriente*. Lisboa: Caminho, 1999; Guita Jr. *Os Aromas Essenciais*. Lisboa: Caminho, 2006; Sangare Okapi. *Mesmos Barcos ou poemas de revisitação do corpo*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2007; Adelino Timóteo. *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique*. Maputo: Ndjira, 2002; Nelson Saúte. *A Viagem Profana*. Maputo: Marimbique, 2003.

Índico como ponto de “abertura para outros mundos” (Noa, 2014: 84) e, logo, na perspectiva de uma geografia estética que permite ultrapassar os limites – individuais e colectivos – do espaço nacional. Sintetizando, a poesia contemporânea parece olhar para o Índico a partir de Moçambique, encarando o mar como um espaço simbólico a atravessar em busca das múltiplas viagens suscitadas pelo imaginário do mar.

No que concerne ao romance contemporâneo em Moçambique, a obra literária de João Paulo Borges Coelho convoca dimensões espaciais e temporais que redefinem o repertório cultural dito nacional, reposicionando a especificidade de sujeitos e contextos dentro de uma dimensão transnacional emblemática⁷. É por via de uma relação complexa entre *tempo* e *espaço* que a obra literária deste autor aponta para uma dimensão contextual que esbate as fronteiras do espaço nacional, convocando relações e dinâmicas que devem ser observadas através de uma perspectivação que se situa fora de uma cartografia linguística e geográfica *apenas* nacional⁸.

Aliás, observando algumas das propostas literárias de alguns autores contemporâneos que se situam dentro do espaço simbólico e geográfico do Índico, sobressaem um conjunto de possíveis contrapontos cuja operacionalização proporciona o surgir de novas relações entre contextos e representações, facultando a redefinição de questões e epistemologias através dos quais são lidas e situadas as escritas literárias contemporâneas (Brugioni, 2014). Neste sentido, de acordo com Isabel Hofmeyr:

(...) temos de pensar o Índico como o sítio, por excelência, das modernidades alternativas; aquelas formações da modernidade que tomaram forma graças a um arquivo de tradições intelectuais profundas e complexas. (...) Perceber os discursos políticos e as acções torna-se uma tarefa que é desempenhada através da compreensão de arquivos coloniais e pós-coloniais onde diferentes versões da

⁷ A este propósito, pense-se, por exemplo, nos volumes de contos *Índicos Indícios I - Setentrião* (2005) e *Índicos Indícios II - Meridião* (2005) ou ainda noutros romances do autor onde a dimensão espacial e, sobretudo, o mar surgem com paradigmas narrativos e conceptuais significativos, apontando para um conjunto de relações transnacionais emblemáticas. Para uma leitura exaustiva da obra de João Paulo Borges Coelho veja-se Can, 2015.

⁸ Para uma análise da obra de João Paulo Borges Coelho através de uma perspectivação comparativa transnacional veja-se Brugioni, 2014.

modernidade são negociadas, num conjunto de idiomas em constante mudança acerca da “tradição”. (Hofmeyr, 2007: 13-14; tradução minha)⁹

Dentro desta perspectiva crítica é possível observar, por exemplo, a obra *Índicos Indícios* de João Paulo Borges Coelho (2005), coletânea de contos, emblematicamente dividida em duas recolhas distintas, *Setentrião* e *Meridião* e que aponta, no meu entender, para uma perspectiva conceitual distinta daquela que surge na poesia moçambicana contemporânea. Com efeito, nesta obra de Borges Coelho, o Índico não se apresenta como um espaço de evasão ou, melhor, como o ponto de passagem para viagens, buscas e (novas) utopias tal como se configura na poesia contemporânea moçambicana. O mar Índico é nos *Indícios* o lugar inaugural da narração, o indício de uma *história maior*, um espaço físico e conceptual a partir do qual é possível (re)definir a geografia imagética e telúrica moçambicana. Por outras palavras, obedecendo a uma inversão de perspectiva, o mar torna-se um arquivo líquido, um repositório de memórias e rastros que são matriciais para dar sentido aos enredos e às histórias que edificam o mosaico social e cultural moçambicano.

O mar Índico molha, um a um, os cerca de dois mil e quinhentos quilómetros da costa de Moçambique – uma extensão apreciável. Maior ainda se considerarmos as ilhas que há espalhadas ao longo dessa costa, inúmeras. E muito, muito maior se tivermos em conta as histórias que esse simples facto tem alimentado no imaginário do presente e ao longo do tanto tempo que passou. Uma água mansa que também sabe enfurecer-se. Azul, se lhe bate o sol, mas tantas vezes parda, tingida por tudo o que essa costa deixa que se escape pelas suas líquidas veias – terra e ramagens, memórias e afogados, enredos e procuras – que ali se abrem para fertilizar (Borges Coelho, 2005: 9).

De um ponto de vista das narrativas visuais, um contraponto artístico com

⁹ Citação original: “(...) we need to think of the Indian Ocean as the site par excellence of 'alternative modernities; those formations of modernity that have taken shape in an archive of deep and layered existing social and intellectual traditions. (...) Understanding political discourse and action, then, becomes a task of understanding a complex layered pre-colonial, colonial and postcolonial archive in which versions of modernity are negotiated in an ever-shifting set of idioms around tradition’”. (Hofmeyr, 2007: 13-14)

estas vozes literárias pode encontrar-se no trabalho do artista moçambicano Pekiwa – Nelson Augusto Carlos Ferreira, 1977 –, cuja obra parece propor uma redefinição muito peculiar do tema da viagem e do mar, *remodelando* traços emblemáticos e simbólicos da Ilha de Moçambique – portas, janelas, pedaço de madeira – no seu projeto intitulado *Barco Mensageiro*, obra em que o artista dá “outra vida” a estes “restos com história”, como afirma António Cabrita (Abélard, 2010), tornando-os novos, sem silenciar o seu passado e a sua materialidade.

Portas antigas mudadas em baixo-relevo, donde assomam rostos, olhos, caixilhos velhos de janelas que ganharam postigos novos, quilhas retrabalhadas como tótemes, candas recicladas. No mínimo surpreendente, tão surpreendente como o torso e o rosto que esculpiu numa raiz de acácia que permanece viva e envelhece a cada ano. É um dom, emprestar à matéria outro rosto sem matar aquilo em que toca. (António Cabrita in Abélard, 2010: 196)

Para além disso, a obra de Pekiwa coloca uma questão crítica e conceptual que se prende com uma prática artística onde o *resto* e a *ruína* desempenham um papel central, apontando para um conjunto de constelações teóricas de indubitável interesse conceptual em vista de uma reflexão em torno daquilo que poderia ser definido como *Estética do Oceano Índico* (Brugioni, 2015).



Fig.1 **Pekiwa** in Abélard, Luís (Org.) (2010). *Com as Mãos. 24 Artistas Moçambicanos*. Lisboa: Babel, p. 199.

Por outro lado, e procurando estabelecer contrapontos entre narrativas visuais de diversa natureza, o Índico pode ser encarado como um elemento visual de indiscutível emblematicidade na fotografia moderna e contemporânea em e sobre Moçambique¹⁰. Dentro de um universo vasto e heterogêneo – e na impossibilidade de desenvolver aqui uma análise mais detalhada – penso, por exemplo, numa imagem, a meu ver, paradigmática que integra a série de fotografias de autoria de Mauro Pinto, *Portos de Convergência* (2003), onde a relação entre Moçambique e o mar é construída a partir da sua dimensão *material* e *humana* edificada, em termos visuais, pela relação entre a materialidade e a monumentalidade do porto em contraponto com a corporalidade da humanidade que habita este espaço.

¹⁰ A este propósito, uma análise da representação e do tema do Índico na fotografia documental em Moçambique representa, a meu ver, um ponto de partida significativo e emblemático para a definição de uma *estética visual do oceano Índico*.



Fig. 2 **Mauro Pinto**, série *Portos de Convergência* (2003). Agradeço a Mauro Pinto a autorização para reproduzir a imagem neste artigo.

Em suma, dentro de uma perspectivação que encara o Oceano Índico como paradigma crítico e epistemológico central para ler narrativas e representações da contemporaneidade, a dimensão conceptual que reequaciona a relação entre espaço e humanidade, providencia uma articulação epistemológica crucial numa perspetiva visual bem como literária, apontando para constelações críticas relevantes para repensar a relação entre Moçambique e o Oceano Índico.

Falar do ‘oceano humano’ não é apenas falar adjectivamente o metaforicamente, mas ligar a prática cultural humana ao elemento que a tornou possível. Por conseguinte, pensar no humano oceânico é também reequacionar a dimensão do

desejo dentro da esfera ético-política das humanidades. (Moorthy & Jamal, 2010: 14; tradução minha)¹¹

Por outras palavras, a dimensão espacial e humana configura-se como um elemento paradigmático e indispensável para uma abordagem histórica, política e também cultural de sujeitos, situações e relações dentro de uma dimensão contextual específica tal como parece ser a do Oceano Índico. A articulação entre as perspetivas nacional e regional e a dimensão humana – *the human ocean* – constitui um aparato conceptual particularmente eficaz para ler e situar algumas das narrativas escritas e visuais da contemporaneidade moçambicana, proporcionando itinerários críticos e conceptuais significativos no que concerne, por exemplo, à relação entre imaginários, representações, espaço e história numa perspetivação crítica e epistemológica de matriz transnacional¹².

Concluindo, os diálogos que se sobressaem abordando o Oceano Índico como *tema, motivo* e, logo, na perspetiva de um “imaginário alternativo” dentro do contexto cultural e social de Moçambique, vão muito além de aqueles que foram esboçados neste texto cujo objetivo é de olhar para um conjunto de narrativas e contrapontos que parecem indiciar itinerários alternativos para repensar história(s) e discursos culturais do presente e do passado de e em Moçambique, onde velhos e novos imaginários poderão surgir a partir do espaço *físico, estético* e *conceptual* do oceano Índico, lembrando, como afirma João Paulo Borges Coelho, que: “Por trás de tantos nomes, de tantos cruzamentos, e de tanta diversidade, é sempre o mesmo, o mar” (2005: 10).

¹¹ Citação original: “To speak of a ‘human ocean’ then, is not merely to speak adjectivally, or metaphorically, but to harness human cultural practice to the element which has made it possible. Moreover, to think the oceanic human is also to affirm ‘the rearrangement of desires’ within the ethico-political sphere of the humanities”. (Moorthy & Jamal, 2010: 14)

¹² A este propósito, veja-se: Garcia et al, 2010 e Gupta et al 2010.

Referências

- ABÉLARD, Luís. *Com as mãos: 24 artistas moçambicanos*. Lisboa: Babel, 2010.
- BASTO, Maria-Benedita. *A guerra das Escritas*. Literatura e nação em Moçambique. Vi-seu: Vendaval, 2006.
- BORGES COELHO, João Paulo. *Índicos Índicios I – Setentrião*. Lisboa: Caminho, 2005.
- _____. *Índicos Índicios II – Meridião*. Lisboa: Caminho, 2005.
- BOSE, Sugata. *A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Empire*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2006.
- BRITO, Luís de “Discurso político e pobreza em Moçambique: análise de três discursos presidenciais”. In: BRITO, Luís de; CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno; CHICHAVA, Sérgio; FRACISCO, António (Org.). *Pobreza, Desigualdade e Vulnerabilidade em Moçambique*. Maputo: IESE, 2010, p. 49-64.
- BRUGIONI, Elena. “Para uma Estética do Oceano Índico. Geografias transnacionais do imaginário em narrativas escritas e visuais africanas”. Título do Projecto de Pesquisa actualmente em desenvolvimento, integrado no Projecto de Pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa Operacional Potencial Humano e Fundo Social Europeu, SFRH/BPD/62885/2009.
- _____. “Narrando o índico. Contrapontos entre paradigmas críticos e representações: João Paulo Borges Coelho e M.G. Vassanji”. In *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Vol. 2, n.1, p. 35-53, 2014.
- _____. & Joana PASSOS (Org.). Dossiê “Narrando o Índico”. In *Diacrítica – Literatura*, 27 (3), Vila Nova de Famalicão-Braga: Húmus Edições-CEHUM, 2013.
- CAN, Nazir Ahmed. *Discurso e Poder nos romances de João Paulo Borges Coelho*. Maputo: Alcance, 2015.
- CARRILHO, Júlio. *NónuMar*. Maputo: Ndjira, 2001.
- CHATTERJEE, Partha. *The Nation and Its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- CHAUNDHURY, Kirti N. *Asia before Europe: Economy and Civilization of the Indian Ocean from the rise of Islam to 1750*. Cambridge Eng.: Cambridge UP, 1990.
- CHAVES, Rita. “A Ilha de Moçambique: Entre as Palavras e o Silêncio”. Colóquio “A Ilha de Moçambique: entrecruzar de culturas, sonhos e memórias”, 2002. Disponível em: http://www.macua.org/coloquio/A_ILHA_DE_MOCAMBIQUE.htm. Acesso em: 08/11/2015.
- CHURCHILL, Winston Spencer. *My African Journey*. London: Hodder and Stoughton, 1908.
- CORREIA, Joaquim Augusto. “Ilha de Moçambique... Futura pérola do Oceano Índico”. In: *Portugal d’aquém e d’além mar*, ano IV, 1953, nº 41, p.7

- FALCONI, Jessica. “‘Para Fazer um Mar’. Literatura Moçambicana e Oceano Índico”. In: BRUGIONI Elena; PASSOS, Joana (Org.). *Diacrítica – Literatura*, 27-3. Vila Nova de Falmicão-Braga: Húmus Edições-CEHUM, 2013, p. 77-92.
- _____. *Utopia e conflittualità. Ilha de Moçambique nella poesia mozambicana contemporanea*. Roma: Aracne, 2008.
- FAWAZ, Leila T.; BAYLY, C. A. (Org.). *Modernity and Culture: From the Mediterranean to the Indian Ocean*. New York: Columbia University Press, 2002.
- GARCIA, Mar, Felicity Hand; CAN, Nazir Ahmed (Org.). *Indicities/Indices/ Indícios. Hybridations problématiques dans les littératures de l’Océan Indien*. Ille-sur-Têt: Édition K’A, 2010.
- GHOSH, Devleena; MUECKE, Stephen (Org.). *Cultures of Trade: Indian Ocean Exchanges*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2007.
- GUITA Jr. *Os Aromas Essenciais*. Lisboa: Caminho, 2006.
- GUPTA, Pamila; HOFMEYR, Isabel; PEARSON, Michael Pearson (Org.). *Eyes Across the Water. Navigating the Indian Ocean*. Unisa Press & Penguin India, 2010.
- HARRIS, Norman. *Intervention and Colonization in Africa*. Boston, New York: Houghton Mifflin Co. 1924.
- HOFMEYR, Isabel. “The Black Atlantic meets The Indian Ocean: Forging New Paradigms for transnationalism for the Global South. Literary and Cultural Perspectives”. In: *Social Dynamics*, 33 (2), 2007, p. 3-32.
- LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.
- LOBATO, Alexandre. “Ilha de Moçambique: notícia histórica”. *Arquivo (Maputo)*, nº 4, 1988, p. 67-78.
- MENDONÇA, Fátima. *Literatura Moçambicana, as dobras da escrita*. Maputo: Ndjira, 2011.
- MOORTHY, Shanti & Ashraf Jamal. *Indian Ocean Studies. Cultural, Social and Political Perspectives*. London & New York: Routledge, 2010.
- MUDIMBE, Valentim. *The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the order of Knowledge*. Bloomington: Indiana UP, 1988.
- NOA, Francisco. “O Oceano Índico e as rotas da transnacionalidade na poesia moçambicana”, 2012. Disponível em: <http://cesab.edu.mz/wp-content/uploads/2012/10/OceanoIndicoTransnacionalidaPoesiaMocambicana-2012.pdf>. Acesso em: 12/11/2015.
- _____. “L’océan Indien et les routes de la transnationalité dans la poésie mozambicaine”. In: *Études Littéraires Africaines*, n. 37, 2014, p. 73-88.
- OKAPI, Sangare. *Mesmos Barcos ou poemas de revisitação do corpo*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2007.
- PEKIWA. “Barco Mensageiro”. In: ABÉLARD, Luís. *Com as mãos: 24 artistas moçambicanos*. Lisboa: Babel, 2010, p. 199.

PINTO, Mauro. Série fotográfica “Portos de Convergência”. Coleção do Autor, 2003.

QUIJANO, Aníbal “Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America”. In: *Nepantla: Views from South*, 1 (3), 2000, 533-80.

SAÚTE, Nelson. *A Viagem Profana*. Maputo: Marimbique, 2003.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. “Entre sonhos e memórias: trilhas da poesia moçambicana”. *Poesia Sempre* 23, 2006, p. 229-249.

TIMÓTEO, Adelino. *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique*. Maputo: Ndjira, 2002.

WHITE, Eduardo. *Janela para Oriente*. Lisboa: Caminho, 1999.